

Pesquisa Multidisciplinar EM SAÚDE

EDIÇÃO XVIII

Capítulo 5

PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NAS ESCOLAS: ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO

PAULA FERNANDES DANTAS DE SOUSA¹
LYSLIAN JOELMA ALVES MOREIRA²

¹Discente - Pós graduação em Bacharelado de Enfermagem - Faculdade Herrero

²Mestre - Mestre em Bioética, Enfermeira especialista em Centro Cirúrgico e CME; Cuidados intensivos neonatais e pediátricos. Docente na Faculdade Inspirar no curso de pós-graduação em Centro Cirúrgico; Docente na Faculdade Herrero no Curso de Bacharel em Enfermagem; Membro do Corpo Editorial do Grupo Pasteur. Graduanda em Psicologia na Faculdade Inspirar

Palavras-chave: Infecção Sexualmente Transmissível; Adolescente; Escola

DOI

10.59290/0529575232

EP EDITORA
PASTEUR

INTRODUÇÃO

As infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) são doenças infectocontagiosas transmitidas pelo contato sexual desprotegido, geralmente manifestando-se por lesões cutâneas. A doença apresenta diferentes estágios, sendo: primário, secundário, latente e terciário. No estágio primário surge uma úlcera indolor chamada de “cancro duro”, a qual desaparece espontaneamente, sendo acompanhada de linfonodomegalia. No estágio secundário, as lesões cutâneas (roséolas) são mais visíveis, especialmente nas regiões genital, plantar e palmar, mas desaparecem espontaneamente em algumas semanas. Essa falsa impressão de cura evolui para a fase de latência (assintomática), porém contagiosa. A fase terciária da sífilis adquirida surge anos após a fase de latência e é responsável por complicações graves, tais como: lesões cutâneas, ósseas, cardiovasculares e neurológicas, podendo inclusive levar à morte. Em todas as fases da sífilis não tratada adequadamente é possível que ocorra a sua transmissão, inclusive para o bebê durante a gestação ou parto (BRASIL, 2023; BRASIL, 2022).

A sífilis é ocasionada pela bactéria *Treponema pallidum* e sua relevância epidemiológica decorre da gravidade de suas complicações e de sua prevalência (ALVES *et al.*, 2017). O boletim epidemiológico do Ministério da Saúde de 2023, referente ao período de 2012 a 2022, computou 1.237.027 casos de sífilis adquirida, 537.401 casos de sífilis em gestantes, 238.387 casos de sífilis congênita e 2.153 óbitos decorrentes da sífilis congênita no Brasil. Dentre as notificações constatou-se que 60,7% ocorreram no sexo masculino, sendo 36% nas faixas etárias entre 20 e 29 anos de idade e 22,4% entre 30 e 39 anos. No Brasil, a população mais afetada pela sífilis são as mulheres, principalmente as negras e jovens, na faixa etária de 20 a 29 anos. Somente esse grupo representa 14,4% de

todos os casos de sífilis adquirida e gestacional notificados. Na comparação por sexo, as mulheres com idade entre 20 e 29 anos computaram 26,2% do total de casos notificados. O número de casos de sífilis em adolescentes do sexo feminino foi maior do que no masculino (relação de 7 homens para cada 10 mulheres com sífilis) (BRASIL, 2023).

Dados de um projeto desenvolvido pela Faculdade de Medicina da UFMG apontaram que os adolescentes e jovens representam 18,6% da população sexualmente ativa. Entre os jovens de 13 a 19 anos, a taxa de detecção para essa infecção aumentou 1,65% entre os anos de 2010 e 2020. Cerca de 78% desses jovens praticaram sexo anal desprotegido e 60,5% fizeram uso de alguma droga psicoativa durante a prática sexual, especialmente o álcool (UFMG, 2021). O início precoce da vida sexual, por vezes desprotegida (sem preservativo) e a possibilidade de múltiplos parceiros ao longo da vida e o uso de substâncias psicoativas são fatores que aumentam a ocorrência de infecções sexualmente transmissíveis. Ademais, a atividade sexual desprotegida pode resultar na gravidez não planejada e suas implicações se desdobram na vida do adolescente. No Brasil, a Lei nº 60/2009 determina a inclusão da educação sexual no currículo dos ensinos fundamental e médio (CARNEIRO *et al.*, 2015). É importante ressaltar que, a escola, juntamente com os profissionais da saúde devem estabelecer parcerias, por meio do Programa Saúde nas Escolas (PSE), desenvolvendo palestras, rodas de conversas e troca de informações acerca da prevenção de agravos à saúde (RODRIGUES, 2021).

Frente ao exposto, esta pesquisa justifica-se pelo fato de que os jovens estão em uma faixa etária considerada de maior risco para ISTs. Justamente por adotarem comportamentos de risco, serem mais impulsivos e curiosos, frequentemente mais encontrados nesta fase. Ademais, deve-se considerar outros fatores, tais co-

mo: inacessibilidade aos serviços do sistema de saúde, a falta de acolhimento e orientação no lar, bem como as vulnerabilidades socioeconômicas. Frente ao exposto, como o enfermeiro pode realizar a prevenção da sífilis e de outras ISTs com os adolescentes nas escolas? Partindo da hipótese de que o enfermeiro pode realizar ações educativas sobre educação sexual nas escolas que podem reduzir a ocorrência de ISTs, em virtude da adoção de comportamentos relacionados à sexualidade. Deste modo, este estudo objetivou identificar estratégias adotadas pelo enfermeiro para realizar a educação sexual e a prevenção de ISTs com adolescentes nas escolas.

Referencial Teórico

A vida sexual, geralmente tem se iniciado ainda na adolescência, fase em que esse público se encontra mais vulnerável. Consequentemente, estão mais expostos às situações de risco, tais como: violência, uso de drogas, comportamentos sexuais desprotegidos e à gravidez não planejada. Neste sentido, o contexto educacional mostra-se indispensável para realizar ações educativas para orientar os a refletir sobre a gravidade das ISTs e das repercussões da gravidez não planejada, bem como da importância do uso da camisinha para a prevenção de tais eventos. É importante ressaltar que a atividade sexual precoce pode trazer consequências nos processos reprodutivos e na própria saúde do adolescente quando realizada de forma insegura (RAMOS *et al.*, 2019).

O Programa Saúde na Escola (PSE), criado no ano de 2007, teve como objetivo aproximar os profissionais de saúde da atenção primária com os estudantes da rede pública de educação básica. O programa visa a realização de ações educativas de prevenção e promoção à saúde (BRASIL, 2007). O Ministério da Educação permite que a escola defina a melhor estratégia

para trabalhar as temáticas. Visto que, as informações devem possibilitar ao adolescente a tomada de decisões conscientes e orientadas, tais como: a percepção de fatores e comportamentos de risco, uso da camisinha (aqueles que iniciaram a vida sexual) e o diálogo para esclarecimento de dúvidas (LEÃO & ABREU, 2019; BRASIL, 2017). É pertinente fornecer informações aos adolescentes acerca de sua saúde para que possam realizar o autocuidado e responsabilizar-se por suas ações, bem como adotar comportamentos seguros e que previnam infecções sexualmente transmissíveis e a gravidez não planejada (SANTOS *et al.*, 2019).

MÉTODO

Trata-se de um estudo de revisão integrativa de abordagem qualitativa e análise descritiva. Foram seguidas as seguintes etapas: identificação da problemática e elaboração da questão norteadora; definição das palavras-chave e os critérios de seleção, realizada a coleta dos dados, análise e discussão dos resultados (SOUZA *et al.*, 2010). Esta pesquisa cumpriu os requisitos da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 510, de 07 de abril de 2016, que trata das normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais (BRASIL, 2016).

A busca por referenciais teóricos ocorreu entre julho e agosto de 2024, nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs) e na *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), por meio das palavras-chave: prevenção de infecções sexualmente transmissíveis; adolescente; escolas; saúde sexual; atuação do enfermeiro, sendo encontrado um total de 89.400 estudos. Critérios de seleção: artigos no idioma português, publicados no período de 2014 a 2024 abordando as temáticas de educação sexual com adolescentes na escola e a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs). Os critérios de exclusão foram: textos que não abordavam as te-

máticas propostas, em outro idioma, incompletos ou em duplicidade.

A pré-seleção dos artigos se deu com a leitura dos títulos e em seguida dos resumos daqueles com maior proximidade à temática proposta, totalizando em 25 artigos. Posteriormente, os textos selecionados. Os textos selecionados, foram lidos de forma aprofundada para a extração dos dados relevantes para esta pesquisa, os quais foram colocados em um quadro. Os dados levantados foram agrupados por semelhança de conteúdo e sumarizados. Na sequência, os dados coletados e tratados foram hierarquizados da maior para a menor frequência com que surgiram no texto e apresentados na **Tabela 5.1**. Posteriormente, os resultados foram discutidos na categoria temática intitulada por: “Estratégias para a educação sexual e prevenção de ISTs em adolescentes nas escolas”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela abaixo (**Tabela 5.1**) destaca as estratégias que podem ser utilizadas pelo enfer-

meiro para realizar a educação sexual de adolescentes na escola e prevenir a ocorrência de ISTs.

O presente estudo se propôs a identificar as estratégias mais eficientes para o enfermeiro trabalhar as temáticas de prevenção de ISTs e a educação sexual com adolescentes nas escolas. A roda de conversa foi a estratégia mais emergente neste estudo, computando uma frequência de seis na hierarquização dos dados. Nas rodas de conversa constatou-se que, temáticas como: saúde sexual; formas de transmissão, sintomas, tratamento e prevenção de ISTs, gravidez não planejada fizeram parte dos assuntos que mobilizaram a participação e a curiosidade dos adolescentes. Os participantes puderam exteriorizar suas dúvidas e compartilhar situações comuns à fase de vida (sexualidade, autocuidado, mitos e verdades) e receberam informações elucidativas a respeito (RIOS *et al.*, 2023; SILVA *et al.*, 2023; AZEVEDO & COSTA, 2021; CHAGAS *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2021; SILVA *et al.*, 2021; FRANCO *et al.*, 2019; ZOMPERO *et al.*, 2019; SILVA, 2015).

Tabela 5.1 Estratégias para a educação sexual e prevenção de ISTs em adolescentes nas escolas

Roda de conversa (F9)
RIOS <i>et al.</i> (2023); SILVA <i>et al.</i> (2023); AZEVEDO & COSTA, (2021); CHAGAS <i>et al.</i> (2021); SILVA <i>et al.</i> (2021); SILVA <i>et al.</i> (2021); FRANCO <i>et al.</i> (2019); ZOMPERO <i>et al.</i> (2019); SILVA (2015)
Dinâmicas de grupo (F 8)
MARTINS <i>et al.</i> (2022); ZOMPERO <i>et al.</i> (2022); CARVALHO <i>et al.</i> (2021); FEGADOLLI (2021); SILVA; SOUSA (2021); FERREIRA & SILVA (2020); SILVA <i>et al.</i> (2017); SILVA & ANARUMA (2016)
Palestras de educação em saúde sobre a temática (F 8)
FROTA <i>et al.</i> (2023); MORAIS <i>et al.</i> (2021); BATISTA <i>et al.</i> (2021); CIRIACO <i>et al.</i> (2019); SANTOS <i>et al.</i> (2018); TAMAYO (2018); CAETANO <i>et al.</i> (2017); FELICIO (2017)

Legenda: F (frequência com que foi citada nos artigos)

Neste ambiente de troca de conhecimentos e sensibilização para a adesão de novos hábitos, os autores supracitados consideram que a inserção dos temas relacionados à educação sexual no âmbito escolar favorece a disseminação de informações corretas e adequadas sobre práticas sexuais seguras e saudáveis. Principalmente pelo fato de que a adolescência é um período em que há grande influência do meio externo

nas escolhas e comportamentos adotados pelos indivíduos. Logo, trabalhar tais temáticas dentro dos currículos escolares promove a segurança daqueles adolescentes que já iniciaram a vida sexual, justamente por informar acerca de comportamentos de risco reduzem do contágio com ISTs e das implicações envolvidas na gravidez não planejada (RIOS *et al.*, 2023).

Promover a educação em saúde sobre a sexualidade nos espaços escolares transforma a instituição em um ambiente de promoção à saúde. Uma vez que, é na escola que o estudante constrói competências e habilidades que podem fornecer ferramentas para o desenvolvimento de comportamento preventivo e no estabelecimento de relações sociais. Desta forma, o ambiente escolar é um local propício e privilegiado para a discussão de temas relacionados à saúde sexual e prevenção de agravos à saúde (SILVA *et al.*, 2021).

A roda de conversa foi outra estratégia de educação em saúde apontada como benéfica por proporcionar o acolhimento e a promoção de um ambiente seguro para compartilhar experiências, conhecimentos e esclarecer dúvidas para a tomada de decisões mais assertivas sobre seu corpo, sua vida reprodutiva e relacionamentos interpessoais. O vínculo e o respeito entre os participantes são fortalecidos contribuindo para a adesão de comportamentos saudáveis. Ademais, esta estratégia pode ser utilizada para avaliar a efetividade das ações educativas, por meio da devolutiva do próprio grupo, identificando o que ainda precisa ser melhorado. Neste contexto, é possível adequar a linguagem e ensinar conteúdos complexos de forma mais simples e apropriadas ao entendimento dos participantes (SILVA *et al.*, 2021). Neste sentido, 2.3 confirmou-se a hipótese de que o enfermeiro pode realizar ações educativas nas escolas que podem reduzir a ocorrência de ISTs em virtude da adoção de comportamentos seguros relacionados à sexualidade.

As dinâmicas de grupo foram apontadas como outra estratégia capaz de alcançar o público adolescente (frequência 8) (MARTINS *et al.*, 2022; ZOMPERO *et al.*, 2022; CARVALHO *et al.*, 2021; FEGADOLLI, 2021; SILVA & SOUSA, 2021; FERREIRA & SILVA, 2020; SILVA *et al.*, 2017; SILVA & ANARUMA, 2016). Dentre os estudos analisados, algumas das dinâmicas

utilizadas foram: a dança; quiz de perguntas com respostas de verdadeiro ou falso; jogos educativos; reconhecimento de figuras, sendo todas as atividades pautadas no conceito das ISTs, formas de contágio, sintomas e prevenção das doenças. Os resultados destas atividades serviram para ilustrar como funciona a cadeia de transmissão das IST, os perigos ao ter múltiplos ou rotatividade de parceiros, bem como da importância de práticas seguras nas relações sexuais (FERREIRA & SILVA, 2020). Uma alternativa para a intervenção em escolas públicas e particulares seria as escolas reservarem um período de seu calendário escolar para atividades/dinâmicas de esclarecimento sobre os perigos que o sexo praticado sem proteção pode trazer, mostrando aos alunos que as doenças sexualmente transmissíveis são as mais variadas possível; entretanto, em sua grande maioria, elas possuem tratamento e, principalmente, meios de serem evitadas (SILVA & ANARUMA, 2016).

As palestras sobre as temáticas educação sexual e prevenção de ISTs foi outra estratégia efetiva adotada por enfermeiros, conforme observado neste estudo (frequência 8) (FROTA *et al.*, 2023; MORAIS *et al.*, 2021; BATISTA *et al.*, 2021; CIRIACO *et al.*, 2019; SANTOS *et al.*, 2018; TAMAYO, 2018; CAETANO *et al.*, 2017; FELICIO, 2017). As informações transmitidas nas palestras educativas sobre educação sexual nas escolas promovem o desenvolvimento saudável dos adolescentes sobre sexualidade, as mudanças e os cuidados com o corpo, além dos comportamentos seguros nas relações sexuais. Sendo assim, é de suma importância a figura do profissional de saúde na educação sexual no fornecimento de orientações sobre o uso correto dos métodos contraceptivos para prevenir a gravidez não planejada e do contágio com infecções decorrentes do ato sexual desprotegido (BORGES *et al.*, 2016).

É imprescindível que o enfermeiro utilize o espaço nas escolas para realizar ações que visem à prevenção de ISTs em adolescentes, sensibilizando-os sobre as consequências de manter relações sexuais desprotegidas (sem uso de camisinha), reduzindo vulnerabilidades e oportunizando momentos de reflexão para a adoção de comportamentos saudáveis e seguros com seus corpos (FELICIO, 2017). No entanto, os estudos identificaram a dificuldade de abordar a temática sexualidade no ambiente familiar e até mesmo escolar em virtude dos tabus que estão incutidos. O caminho para amenizar tal problemática pode ser pela adoção de metodologias que não se resumam à biologia corporal, mas de como tais mudanças interferem na vida psicoemocional e sociocultural destes jovens (FROTA *et al.*, 2023). O tema é pouco discutido com os adolescentes, tanto pela escola que geralmente ensina aspectos biológicos, como pelos pais que têm dificuldade em abordar o tema sexualidade (fruto da cultura, religião, criação familiar ou desconhecimento). Geralmente a temática é vista como um estímulo à promiscuidade ou que levam a comportamentos não saudáveis e de risco (TAMAYO, 2018).

A escola é um espaço de socialização, aprendizado e reflexões. Entretanto, se depara com algumas limitações como o despreparo de alguns professores para abordar temas polêmicos como a sexualidade e as ISTs, mas de relevância para a educação e desenvolvimento do adolescente (SILVA *et al.*, 2017). Sabe-se que essas informações surgem de diferentes fontes (meios de comunicação, família, amigos e escola). Contudo, a família nem sempre é a principal fonte de informação sobre sexualidade e IST, pois muitos pais têm dificuldade de conversar sobre estes temas. Assim, transferem para a escola o dever de ensinar sobre temas co-

mo: sexualidade, métodos contraceptivos e mudanças no corpo na fase reprodutiva. Embora esta responsabilidade se depara com dificuldades por parte dos professores acerca do quanto e de como abordar os temas ou pelo despreparo acerca dos temas (SILVA & ANARUMA, 2016).

CONCLUSÃO

As estratégias de educação sexual e prevenção de ISTs nas escolas demonstraram que as informações corretas e claras possibilitam ao adolescente decidir de forma segura e responsável aspectos relacionados saúde sexual e reprodutiva. Inclusive por ampliar o conhecimento dos alunos que se tornam multiplicadores das informações para seus grupos de convivência. Contudo, deve-se ressaltar o papel relevante da escola, de seus professores e da grade curricular ao planejar os conteúdos a serem ministrados no ano letivo. Visto que, devem estabelecer parcerias com profissionais da saúde, especialmente com a rede de atenção primária para que possam realizar atividades educativas e assegurar acessibilidade aos adolescentes nestes ambientes de atenção à saúde. Embora os professores possam se deparar com fatores dificultadores no processo de sensibilização e orientação acerca da sexualidade, do cuidado com o corpo, a prevenção de ISTs e da gravidez não planejada.

Dessa forma, a intervenção dos profissionais da saúde articuladas com a escola e com família possibilitam que os adolescentes desenvolvam a autoimagem, cuidem do corpo e estabeleçam relacionamentos saudáveis, além de tomar decisões conscientes e orientadas sobre seus relacionamentos e saúde reprodutiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, C.C. *et al.* IST's na adolescência. V Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem. Centro Universitário Católica de Quixadá, Ceará. v. 3, n. 1, 2017. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/-index.php/mice/article/view/3185/2727>. Acesso em: 12 de set. de 2024.

BORGES, A.L.V. *et al.* O Início da Vida Sexual e Contracepção em Adolescentes Brasileiros. Revista de Saúde Pública, v. 50, supl. 1, p. 15s, out, 2016. DOI:10.1590/S01518-8787.2016050006686.

BRASIL. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico: sífilis 2023. Brasília: DF, n. esp. out. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2023/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out.2023>. Acesso em: 28 de ago. de 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sífilis: entenda o que é, qual a prevenção e o tratamento disponível no SUS. Brasília: DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/outubro/sifilis-entenda-o-que-e-qual-a-prevencao-e-o-tratamento-disponivel-no-sus>. Acesso em: 20 de ago. de 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6. Acesso em: 20 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: ensino médio. 2017. Disponível em: <http://base-nacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 20 de out. de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução CNS nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 24 maio, 2016. Acesso em: 09 de set. de 2024.

CARNEIRO, R.F. *et al.* Educação Sexual na Adolescência: Uma Abordagem no Contexto Escolar. Revista de políticas públicas Sanare, v. 14, n. 1, p. 104-108, jan. jun. 2015.

FELICIO, F.C. Representações de adolescentes através de práticas educativas acerca das IST'S/AIDS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de especialista em Gestão das Políticas de IST'S, Aids, hepatites Virais e Tuberculose, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ANDO-ARSQLS> Acesso em: 24 de out de 2024.

FERREIRA, L.S.; SILVA, M.G.B. Abordagem na Educação Sexual de Adolescentes em Ambiente Escolar: Relato de experiência. Textura, v. 14, n. 1, p. 65-74, nov. 2020. DOI: <https://doi.org/10.22479/texturav14n1p65-74>

FROTA, C.A. *et al.* Enfermagem em Saúde Escolar Promovendo Educação Sexual em Adolescentes no Brasil. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, São Paulo, v. 6, n. 13, p. 2182-2192, 2023. DOI: <https://doi.org/10.55892/jrg.v6i13.826>.

LEÃO, C.C. ABREU, R.F. Assistência de Enfermagem preventiva para a sífilis na adolescência. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Enfermagem. Centro Universitário de Goiás Uni- Anhanguera, Goiânia, 2019. Disponível em: <http://repositorio.anhanguera.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/160>. Acesso em: 14 de set. de 2024.

RAMOS, F.B.P. *et al.* A Educação em Saúde como Ferramenta Estratégica no Desenvolvimento de Ações de Prevenção da Transmissão do HIV: Um Relato de Experiência. Revista Eletrônica Acervo Saúde, n. 19, p. e509, 2019. DOI <https://doi.org/10.25248/reas.e509.2019>.

RIOS, M.O. *et al.* O Programa Saúde na Escola como Ferramenta para a Construção da Educação Sexual na Adolescência: Um Relato de Experiência. Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR, Umuarama, v. 27, n. 5, p. 2354-2369, 2023. DOI: <https://doi.org/10.25110/arqsaude.v27i5.2023-015>.

RODRIGUES, S.M.S.S. O papel do enfermeiro na educação sexual dos adolescentes. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, v. 10, n. 14, p. e503101422498, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i14.22498>.

SANTOS, S.B. *et al.* Sífilis Adquirida: Construção e Validação de Tecnologia Educativa para Adolescentes. Jornal de Crescimento e Desenvolvimento Humano, v. 29, n. 1, p. 65-74, 2019. DOI <https://doi.org/10.7322/jhgd.157752>

SILVA, A.F.A.Q. *et al.* Incidência de Sífilis na Adolescência: Revisão Integrativa. VIII Congresso Internacional em Saúde, Unijui, 2021. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conintsau/article/view/19091>. Acesso em: 21 de ago. de 2024.

SILVA, B.M.R. *et al.* Roda de Conversa sobre Sexualidade e Prevenção a Gravidez na Adolescência com Alunos de uma Escola Municipal do Sudeste do Pará: Um Relato de Experiência a partir da Utilização do Arco de Maguere, Editora Científica. p. 344-355, cap. 26, 2021. DOI 10.37885/210303734

SILVA, A.; ANARUMA, M. Intervenção Pedagógica com Adolescentes do Ensino Médio sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis. Revista Eletrônica Pesquiseduca, v. 8, n. 15, p. 240–258, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/410>. Acesso em: 24 de out. de 2024.

SILVA, R.R. *et al.* Educação em Saúde na Escola: Experiência Exitosa na Prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis. Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário, v. 6, p. 199–207, 2017. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/1069>. Acesso em: 24 de out. de 2024.

SOUZA, M.T; SILVA, M.D; CARVALHO, R. Revisão integrativa: O que é e como Fazer. Einstein (São Paulo) 8 (1), Jan-Mar 2010. DOI: 10.1590/S1679-45082010RW1134.

TAMAYO, R.B. Intervenções Educativas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis e Práticas Sexuais em Adolescentes. Trabalho de Conclusão de Curso Submetido à Coordenação do Curso de Especialização em Saúde da Família, Modalidade Semipresencial, Universidade Aberta do SUS (Una-SUS) - Núcleo Do Ceará, Núcleo de Tecnologias em Educação a Distância Em Saúde, Universidade Federal do Ceará. Disponível em: https://ares.unasus.gov.br/-acervo/html/ARES/20230/1/ ROYLAN_BASULTO_TAMAYO.pdf. Acesso em: 24 de out. de 2024.

UFMG - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. ISTs avançam entre os jovens e mostram redução no uso de preservativos. UFMG, Minas Gerais, jun. 2021. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/ists-avancam-entre-os-jovens-e-mostra-reducao-nouso-de-preservativos/>. Acesso em: 14 de set. de 2024.